

## CAPÍTULO IX – Reinações de Monteiro Lobato

Profa. Dra. Adriana Silene Vieira

Neste capítulo, buscamos refletir sobre a maneira de Monteiro Lobato se apropriar de histórias estrangeiras, como os contos de fadas<sup>197</sup> e outras histórias. Ao trazer as personagens para o Sítio do Picapau Amarelo, ele incorpora as histórias ao contexto brasileiro. Essa apropriação de personagens estrangeiras à paisagem brasileira se dá, num primeiro momento, como leitura – e é a partir dessa leitura que estas personagens saem dos livros e se mudam para o Sítio. Isso ocorre em quase toda a obra infantil de Monteiro Lobato, mas escolhemos *Reinações de Narizinho*<sup>198</sup>, *Memórias da Emília*<sup>199</sup>, *Peter Pan*<sup>200</sup> e *O Picapau Amarelo*<sup>201</sup> para analisar.

*Reinações de Narizinho* dá início às aventuras das personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Suas partes, compostas em épocas diferentes, apresentam diferentes tipos de intercâmbio entre as personagens lobatianas e as personagens das histórias estrangeiras. Este intercâmbio é uma manifestação da intertextualidade<sup>202</sup>, que se dá de forma muito explícita<sup>203</sup>. Para tratar dessa retomada, Lobato, por meio de Pedrinho, comenta que as histórias dos contos de fadas estariam “emboloradas”, precisando de uma

<sup>197</sup> COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>198</sup> LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>199</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>200</sup> LOBATO, Monteiro. *Peter Pan*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>201</sup> LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>202</sup> Usamos o termo “intertextualidade” no sentido bakhtiniano de diálogo entre diferentes textos. De retomada de determinado texto por outro autor, atualizando seu conteúdo.

<sup>203</sup> SANT'ANA, Afonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Companhia*. São Paulo: Ática, 1985.

renovação, ensinadas pelas visitas das personagens ao Sítio de Dona Benta.

O contato das personagens lobatianas com personagens de outras culturas faz com que se criem novas histórias e as personagens lobatiana se modifiquem. A principal delas é a boneca Emília, que, a princípio, nem falava e, aos poucos, foi protagonizando e interagindo com as histórias estrangeiras, principalmente as europeias. Isto foi observado por Lajolo<sup>204</sup>.

Na presença de personagens infantis tradicionais e europeias como Branca de Neve, Peter Pan ou Chapeuzinho Vermelho no sítio de Dona Benta, manifesta-se outro aspecto, no qual o projeto lobatiano parece coincidir com outros projetos da vanguarda: a retomada da tradição, passando-a a limpo, fecundando sua significação quer pela irreverência em relação a seu contexto tradicional, quer por sua imersão em outro contexto, agora moderno e nacional. Não podem constituir tais procedimentos, muitas vezes estruturais na obra de Lobato, manifestações do mesmo espírito da antropofagia, que, em outras obras, é lido como penhor de modernidade e vanguarda?

Com base nessas ideias, vamos então à forma como Lobato retoma a tradição e a passa a limpo.

## Leitura

As personagens europeias que visitam o Sítio são, conforme já citamos, Chapeuzinho Vermelho<sup>205</sup>, Branca de Neve e Peter Pan, além de Alice e muitas outras. Num primeiro momento, seriam personagens do “mundo dos livros”, como no capítulo “O irmão do Pinóquio”<sup>206</sup>, em que Dona Benta, adquire livros, lê e conta oralmente as histórias para os demais.

Ao ler a história, em obras como *Peter Pan* e *Don Quixote das Crianças*<sup>207</sup>, dona Benta utiliza uma linguagem simplificada, para facilitar a recepção e prender a atenção do público. Na verdade, ela não lê, mas conta, a história. Nesses casos, a fonte das histórias da avó são sempre livros, e isso é

<sup>204</sup> LAJOLO, M. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 48.

<sup>205</sup> BETELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

<sup>206</sup> Esse texto foi publicado como um volume independente pela primeira vez em 1926.

<sup>207</sup> LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

importante ao lembrarmos que Lobato foi editor.

A maneira de narrar de dona Benta reconstitui o estatuto oral da narrativa e faz com que os ouvintes sejam levados em consideração. A narrativa oral permite uma interação entre contadora e ouvintes. Na história contada, todos participam, construindo uma compreensão da história e vivenciando aquilo que é narrado. Assim, as histórias contadas por dona Benta não ficam no vazio; elas despertam a fantasia, desencadeiam as brincadeiras ou “reinações” e fazem com que as próprias crianças aprendam a fórmula e se tornem também contadoras de histórias.

Essa representação da leitura e contação de história dentro da obra lobatiana se torna tão concreta que se usam metáforas como “o Visconde, só porque cheirou os livros de vovó, é capaz de saber.” (p. 108) ou então “Estou tirando só o que é álgebra. Álgebra é pior que jabuticaba com caroço para entupir um freguês.” (LOBATO, 1966, p. 229). Isso faz lembrar as formas de leitura apresentadas por Maria Helena Martins, em especial a leitura sensorial, ou seja, com os sentidos, que antecede a leitura emocional e a racional<sup>208</sup>.

Essa visão concreta do livro demonstra a maneira das crianças de se relacionarem com ele, brincando. A apresentação do livro como objeto cujo conteúdo pode ser devorado, juntamente com a leitura oral de seu conteúdo, incentiva as crianças do Sítio (e, por extensão, os leitores de Lobato) a se aproximar e interagir com ele. Além disso, nas obras infantis de Lobato, seu conteúdo ganha vida e as personagens “fogem” para o Sítio de Dona Benta.

## Visitas

Em determinados momentos, as personagens dos livros invadem o mundo de seus leitores – na verdade, personagens de outro livro. Isso ocorre quando a Carochinha surge, dizendo a Polegar que outros estavam fugindo de seu livro.

Na empolgação das crianças do Sítio com a ideia da “fuga” das personagens, podemos perceber a voz de Lobato, que dizia querer “vestir à nacional” as fábulas e outras histórias. Aqui o escritor retoma as antigas

---

<sup>208</sup> MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

histórias estrangeiras, faz uma atualização, criando livros para as crianças brasileiras, que ele considerava carentes dessa literatura no início do século XX, conforme apresentado acima, no capítulo 7. A fuga das personagens mostra a crítica de Lobato às histórias desgastadas, repetitivas.

Na primeira visita das personagens dos contos de fada ao Sítio, ao chegarem, elas se apresentam. Percebe-se que as personagens de Perrault, dos Irmãos Grimm, de Andersen e das *Mil e uma noites* interagem entre si e com as personagens do Sítio. A mistura das personagens e histórias parece ter ocorrido depois do *final feliz* de cada narrativa, ou seja, no tempo do tédio. É esse o tempo em que a Cinderela vai aos bailes das Mil e uma noites e é vizinha de Branca de Neve, sendo ambas agora casadas e “felizes para sempre”. É interessante observarmos que essa retomada das histórias aparece na contemporaneidade em livros como *O fantástico mistério de Feurinha* (1986), de Pedro Bandeira, e filmes como *Shrek* e *Encantada* (1998), da Disney. Na década de 1920, porém, foi completa novidade.

As personagens estrangeiras, ao chegarem ao sítio, ao invés de causarem admiração, admiram-se com o espaço e seus habitantes, vendo-o como um lugar maravilhoso onde poderiam viver novas aventuras. Essas personagens se adaptam naturalmente ao ambiente do sítio. Vemos, então, cenas cômicas, como quando o Lobo Mau da história de Chapeuzinho Vermelho bate à porta, querendo devorar Dona Benta, e é expulso por Tia Nastácia, que lhe dá vassouradas.

O Sítio fica povoado de personagens maravilhosas, “naturalmente” misturadas – ou naturalizadas, abasileiradas, tropicalizadas – em contato com personagens, objetos e bichos do cotidiano brasileiro, representados pelo Sítio e seus habitantes. Além disso, a varinha mágica das fadas passa a ser um brinquedo com o qual as crianças do sítio e as princesas brincam de “fazer as coisas virarem”.

Os vilões que surgem nesse contexto também “entram no clima”, como Barba Azul, que ameaça se casar com as princesas, e os quarenta ladrões, que são espalhados pela lâmpada de Aladim.

Em uma segunda visita, no capítulo “O Circo de Escavaliño”<sup>209</sup>, as personagens vêm como espectadoras do circo criado pela Emília. Essas personagens já estão, nesse momento, mais adaptadas ao mundo moderno.

<sup>209</sup> Também publicado pela primeira vez, em separado, em 1926.

## Novas visitas e novos enredos

As personagens maravilhosas, em suas histórias de origem, fazem parte de um “outro mundo”, que também é visitado pelas personagens lobatianas. Por estarem todas misturadas nesse “outro mundo”, poderíamos chamá-lo “mundo das fadas” ou “das maravilhas”, como o próprio Lobato o denomina.

A turma do Sítio viaja em companhia de Peninha para o país das fábulas, onde encontram o senhor de La Fontaine junto com Esopo a observar os animais para compor suas histórias. Começa, então, a interação entre as personagens do Sítio, personagens das fábulas e escritores. Não contentes em observar as histórias dos animais que falam, as personagens do Sítio querem intervir. Na fábula “A cigarra e a formiga”, que aparece no capítulo “A formiga coroca”, Emília, indignada com a atitude da formiga de não acolher a cigarra, troca as personagens de lugar, coloca a formiga do lado de fora e faz a cigarra bater a porta em seu nariz.

Após o contato com as histórias estrangeiras, há um processo de abraqueiramento das histórias maravilhosas, ocorrendo, desse modo, a apropriação das fórmulas e encantamentos. Por meio deste recurso, Lobato cria um contraponto moderno, nacional e original. Além disso, as personagens lobatianas incorporam os encantamentos, chamados também “histórias de virar”. Podemos observar em vários trechos que, para todas as fórmulas mágicas europeias, é criado um contraponto brasileiro, como o “faz de conta”, e o Sítio vai se incorporando à cultura mundial, com um processo que parte da apropriação para se transformar em criação.

## Algumas Considerações

Demonstramos aqui algumas formas por meio das quais se dá a apropriação das histórias estrangeiras no texto de Lobato. As personagens dessas histórias se modificam ao interagirem com as do Sítio. A mistura de personagens estrangeiras às do Sítio é como uma colagem. Suas roupas estranhas e suas histórias fantásticas assumem novas combinações e, de nobres, princesas, príncipes e heróis, eles passam a seres comuns, ou seja, seu

significado se subverte. Já a passagem das crianças para as outras histórias se dá de forma diferente. Elas não perdem, em nenhum momento, suas características, mas modificam o outro ambiente, corroem as outras histórias, como no caso da fábula da formiga.

Ao apresentar as personagens dos contos de fábulas europeus junto com as dos quadrinhos e cinema americanos, Lobato discute também a propriedade dessas histórias. No caso das histórias da Carochinha, mostra o livro como prisão e as personagens, misturadas, voltam ao que eram de início: propriedade da imaginação popular.

A história das personagens do Sítio continua a se desenvolver em sobreposição às outras histórias. O sítio se transforma em espaço mágico, e suas personagens criam novas fórmulas que unem a fantasia popular a uma nova criação. É dessa forma que as personagens lobatianas, movidas por vontade própria, manipulam as histórias criadas pelos outros e criam, elas mesmas, suas histórias, a partir da colagem e transformação dos outros enredos.